

REBECCA SCHERM  
**PONTO  
CEGO**

Tradução: Alexandre Martins

**ROCCO**

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

## PARTE 1

Capítulo 1

Capítulo 2

## PARTE 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

## PARTE 3

Capítulo 6

Capítulo 7

## PARTE 4

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

## PARTE 5

Capítulo 14

Capítulo 15

## PARTE 6

Capítulo 16

Capítulo 17

A primeira mentira que Grace contou a Hanna foi seu nome. “*Bonjour, je m’appelle Julie*”, ela disse. Só estava em Paris havia um mês, e seu francês ainda era novo e duro. Escolhera o nome Julie porque era doce e fácil na língua francesa — muito mais do que Grace. As melhores mentiras eram as mais simples e faziam mais sentido, na mente e na boca. Essas mentiras eram as mais fáceis de engolir.

Jacqueline, a chefe, levava Grace à sua mesa de trabalho, junto à de Hanna, e mostrara onde guardar suas ferramentas nos potes ao longo da junção central, o que poderia pegar emprestado e o que precisaria conseguir pessoalmente. Hanna esticava a mão para proteger um pote de cinzéis e pinças.

— Eu não divido estes — disse com um sorriso duro, como alguém obrigado a se desculpar.

Quando Grace se sentou no banco giratório alguns minutos depois, Hanna perguntou de onde era. Grace era evidentemente americana.

— Califórnia — ela respondeu, porque a maioria das pessoas já tinha ideias sobre a Califórnia. Não pediam explicações. Grace odiava mentir, não extraía prazer disso, e, portanto, sabia que não era patológico. Mas a Califórnia satisfazia as pessoas facilmente, mesmo em Paris. Garland, Tennessee, de onde Grace realmente vinha, era uma resposta perturbadora que apenas gerava novas perguntas. “Tennessee?”, Hanna poderia ter começado. “Elvis? *Péquenauds*? Caipiras?” Quando Grace morou em Nova York todos os que perguntavam de onde ela era faziam a mesma pergunta depois de sua resposta: “Como é lá?”

Como se sua jornada desde um lugar tão pequeno e sem graça

quanto Garland tivesse demandado uma trabalhosa transformação. Como se ir de Garland a Nova York tivesse sido uma espécie de peregrinação ao primeiro mundo.

Grace já estava em Paris havia dois anos, e era Julie da Califórnia desde sua chegada. Sua vida era levada exclusivamente em francês, outro tipo de disfarce. Ela e Hanna raramente discutiam algo profundo do passado, e quando a conversa tomava um rumo indesejado, rapidamente mudavam de assunto. Uma diante da outra em suas mesas, elas se curvavam sobre suas antiguidades e conversavam sobre dobradiças quebradas e verniz lascado, não sobre tristeza ou preocupação, não sobre casa.

Os garotos receberiam a condicional no dia seguinte, libertados de Lacombe e mandados para suas famílias em Garland. Eram três horas da tarde em Paris, manhã no Tennessee. Riley e Alls estariam tomando o último café da manhã de ovos desidratados e bolinhos de salsicha, guardas de rostos inchados de pé atrás deles. Grace sempre os imaginara juntos, mas começara a imaginar a vida deles sem ela havia tanto tempo que com frequência se esquecia de quão pouco realmente sabia. Não sabia mais nada sobre a vida deles. Não falara com eles durante mais de três anos, antes de terem sido presos por roubar a Wynne House: três anos de supostos cafés da manhã com salsichas.

Ele não iria atrás dela, disse a si mesma. Tempo demais havia passado.

Grace com frequência se sentira como sendo duas pessoas, sempre antagônicas, mas quando os garotos foram para a prisão, uma das Grace detivera o relógio da vida. Que então voltara a tiquetaquear. Ela não tinha mais controle sobre Riley, o que iria fazer e para onde iria, e esses desconhecidos produziam nela um medo particular, informe. Deixara mentiras à solta em Garland, e agora não dava conta delas.

Riley e Alls tinham vinte anos quando foram sentenciados a oito anos cada, em Lacombe. O mínimo: era o primeiro crime deles, não estavam armados e, o mais importante para o juiz Meyer, “não

eram criminosos típicos”, e a família de Riley era uma família *boa*. Os Graham viviam em Garland havia sete gerações, e Alls se beneficiou da associação — assim como acontecera com Grace quando estivera ligada. Grace com frequência pensava que se apenas Alls tivesse sido acusado do crime, não teria se safado tão facilmente, e que se apenas Riley fosse acusado, provavelmente teria se safado de tudo. Greg também se confessara culpado, mas seus pais conseguiram para ele um acordo por delatar os amigos. Foi solto em um ano.

Grace também havia roubado a Wynne House, e não podia mais voltar para casa.

Ela se lembrava do momento — talvez tivesse durado minutos, ou talvez dias, não se recordava — depois de o juiz ter anunciado a pena de oito anos, mas antes que ela soubesse que poderiam receber condicional com apenas três. Oito anos pareceram um tempo enorme. Oito anos eram mais do que ela conhecia Riley. Oito anos pareciam um período longo o suficiente para que todos esquecessem.

Deu a última passada de camurça no fecho da gaiola e chamou Jacqueline. Apenas o domo filigranado demandara nove dias de limpeza. A trama de arame era tão fina que a distância poderia parecer fios de cabelo humano. No primeiro dia, ela segurara a mangueira do aspirador na mão esquerda e o secador de cabelos na direita, soprando poeira e sugando-a antes que pudesse pousar novamente. Depois passara mais de uma semana limpando os floreios com ferramentas odontológicas enroladas em algodão e pincéis mergulhados em álcool mineral. Naquela manhã, terminara de limpar séculos de guano de aves canoras do piso da gaiola. Não era mais uma gaiola de pássaros, mas um aviário dourado, *orientaliste*, final do século XIX, quase tão alto quanto Grace. Jacqueline o devolveria ao negociante que o comprara no mercado de pulgas, e ele o venderia por pelo menos cinco mil, quem sabe muito mais. Talvez recebesse fios elétricos e fosse transformado em um lustre. Talvez um colecionador de orquídeas o usasse para

proteger seus melhores espécimes da proximidade humana.

Quando Jacqueline saiu de seu escritório apertado sob a escada, Grace se afastou do trabalho. Esperou enquanto a chefe pegava um par de luvas de algodão brancas da caixa junto às mesas. Jacqueline correu o indicador enluvado levemente sobre o arame. Virou suavemente a tranca da porta e se curvou mais perto para perceber o movimento. Esticou-se para ver o lado de baixo do domo.

— *Ça suffit* — disse.

Isso era o máximo de aprovação que Jacqueline dava. Ela mesma fazia pouca restauração, apenas as coisas mais básicas — colar um cabo de chifre em um abridor de cartas ou limpar uma peça maior de metal —, e apenas o que pudesse fazer estando ao telefone. Foi ruidosamente até o nicho escuro de Amaury, que estava curvado sobre um relógio aberto. Após décadas naquela exata posição, seus ombros tinham escorregado para a barriga. Jacqueline esticou a mão na direção do relógio, mas Amaury grunhiu e afastou-a. Ele estava havia mais tempo na Zanuso et Filles. Tinha até mesmo trabalhado com o Zanuso original, quando Jacqueline e as irmãs eram as *filles*. Jacqueline não tinha nem cabeça nem mãos para restauração de antiguidades, mas era a Zanuso mais velha. Grace supunha que isso fizesse dela e de Hanna as *filles*.

Hanna pigarreou, ansiando a atenção da chefe. Na semana anterior, ela iniciara um novo projeto, e queria mostrar seu progresso.

— *C'est parti* — disse Jacqueline, apertando o alto do nariz. — Sim, Hanna?

— Meu centro de mesa de contas é tcheco, entre 1750 e 1770 — ela disse, embora àquela altura todos já soubessem disso. — Terei descoberto a década até o fim da semana.

Hanna estava sentada diante do computador coletivo, clicando nas centenas de fotografias que tirara de seu projeto. O centro de mesa era do tamanho de uma mesa de carteado, dividido em quatro quadrantes, cada um contendo miniaturas de flora e fauna: flores de primavera, um pomar de pêssegos no verão, uma colheita

de outono e arbustos cobertos de neve com ovelhas de lã branca e pastoras. O centro de mesa claramente fora um dia refinado, embora bobo; Grace o imaginava como um diorama que uma jovem condessa encomendara aos artistas do palácio. As árvores, as folhas feitas de seda cortada, eram tão detalhadas quanto um bonsai real.

— Os materiais são linho e pinheiro, vidro, mica, cobre, latão, aço, chumbo, estanho, alumínio, cera de abelha, laca, alvaiade, papel e gesso de Paris — Hanna continuou. — Eu o desmontei e numerei em 832 peças, cada uma correspondendo a este diagrama. É possível ver como as contas de vidro foram descoloridas por óleo, sem dúvida aplicado por alguém com conhecimento limitado do período.

Jacqueline revirou os olhos.

— Julie a ajudará com este. É um trabalho muito grande.

— Eu não quero ajuda alguma.

Jacqueline levou o dedo aos lábios.

— Até que apareça algo para fazer, ela a ajudará.

— Você terá de medir todos os velhos arames — disse Hanna a Grace. — Os novos serão de aço, o que não será historicamente correto, claro, mas meu objetivo principal é preservar a integridade da intenção do objeto.

— Que é ser um centro de mesa — Grace disse.

— Precisamente.

Hanna era polonesa, trinta e quatro anos, doze a mais que Grace, que ela tratava como uma irmãzinha inesperada e indesejada. Hanna era pequena e magra como um menino, com cabelos louros curtos, pele alva e olhos cinza-claros. Sua evidente androginia era tal que às vezes distraía parisienses mais velhos que queriam classificá-la como sendo de um sexo ou de outro antes de vender um sanduíche. “*Sans fromage*”, Hanna dizia. “*Pardon?*”, eles reagiam, ainda procurando pistas. “*Sans fromage, pas de fromage*”, ela repetia, piscando, seu corpo tão empertigado e explícito quanto um parquímetro. Usava óculos de aros prateados e roupas apenas em

tons de bege.

Quando Grace começara na Zanuso, esperara que seu início humilde tivesse efeito sobre a arrogância de Hanna, que fora evidente desde o princípio. Achou que talvez Hanna a ajudasse, por piedade ou alguma noção de altruísmo de irmã mais velha. Mas Hanna não tinha essas inclinações. Era uma das seis filhas de um verdureiro polonês, e não via a família havia mais de uma década. Grace entendeu que ninguém jamais ajudara Hanna a fazer porcaria alguma. A amizade de Grace e Hanna com frequência era um subproduto ranzinza de respeito profissional: Grace se saíra bem na Zanuso sem pedir ajuda, e *isso* Hanna notara. Grace invejava a total confiança de Hanna, suas avaliações rápidas e precisas. Grace lutava para calcular as possíveis reações a quase tudo que dizia antes de dizer, procurando risco e recompensa, e buracos ocultos nos quais pudesse tropeçar. Nunca conhecera uma mulher que se importasse tão pouco em ofender alguém.

Grace puxou seu banco até a mesa de Hanna, onde havia uma longa fila de arames arrumados por tamanho. Pegou uma régua na caneca de Hanna e a viu se encolher um pouco. Ela teria preferido que Grace usasse seus próprios instrumentos. Grace pegou o primeiro de cem arames, colocou-o junto à régua e registrou a medida na lista que Hanna fizera em uma folha de papel quadriculado. Dezenove centímetros. Devolveu o arame à fila, um pouco à esquerda para não medi-lo novamente por acidente, e pegou outro. Dezoito centímetros e setenta e cinco milímetros.

Grace conhecera Riley na sexta série, quando acabara de completar doze anos. Ele era um ano mais velho. Em seu primeiro baile na escola, ele a tirara do meio de um bando de garotas que ela queria muito impressionar, e ambos deslizaram, à distância de um braço, ao som da balada no alto-falante. Ele a convidara para jantar em sua casa, onde a sra. Graham, simpática, conversara com Grace sobre a escola enquanto o marido e os quatro filhos devoravam três frangos assados em dez minutos. Riley, o mais moço, era o pior, se

lançando sobre as últimas batatas enquanto Grace ainda tentava descobrir como cortar o peito de frango com o garfo sem fazer muito barulho no prato. A sra. Graham deteve a mão de Riley e sugeriu que deixasse a amiga repetir antes de se servir da terceira porção. “Algum cavalheirismo, por favor”, tinha dito. Grace lera a palavra em livros, mas nunca tinha ouvido ninguém dizê-la em voz alta.

Tentou não ficar encarando, mas a sra. Graham atraía sua atenção sempre que Grace desviava os olhos. Ela era magra, bronzeada e sardenta, com olhos verdes sonolentos ligeiramente caídos nos cantos exteriores. Piscava lentamente; Grace achava poder sentir isso ela mesma, como se a luz tivesse diminuído brevemente. Seus belos cabelos castanhos leves encaracolavam abaixo do ponto em que tocavam o colo. Grace admirou o brilho suave em seus malaras altos, seus brincos de vidro marinho, a voz baixa e branda. Seus dedos eram compridos e delicados, unhas pintadas de um rosa leitoso e translúcido, nós dos dedos injustamente inchados de artrite. O fato de as unhas de Grace serem roídas até o sabugo nunca a incomodara antes.

Até o final da semana, Riley a beijara no corredor da escola entre aulas, tão rapidamente que depois ela ficara pensando se tinha imaginado aquilo. Em um mês lhe dera um colar, um golfinho de ouro em uma corrente fina, e jurara amor. Ela se sentiu como em um filme.

O que não daria para ver a si mesma e Riley assim, do alto — ver uma sequência tremeluzente de Riley, seu cabelo ainda vermelho vivo (ainda não começara a desbotar), puxando-a para si no piso suado e rangente do ginásio. Ela teria ficado assustada, excitada, encantada? Era apenas uma criança, e mergulhara em um *nós*. Uma *parceria*. Ela e Riley pareciam bonitinhos para seus pais e professores, algo saído de *Os batutinhas*, mas Riley tinha três irmãos mais velhos e a precocidade que isso acarretava, e Grace não tinha ninguém.

Amanhã, Riley e Alls seriam libertados.

Ela se sentia como se de pé em uma estrada à noite, vendo os faróis distantes de um carro se aproximando tão lentamente que teria todo tempo para sair do caminho. Naquele momento o carro estava bem em cima, e ela ainda não tinha se movido. Imaginou como seria o dia seguinte: os pais de Riley, ou talvez apenas seu pai, indo buscá-lo na prisão. O dr. Graham levaria uma muda de roupas. Riley vestia número quarenta e dois. Será que ainda? Teria a aparência diferente. Estaria mais branco, com menos sardas, pela falta de sol. E estaria mais velho, claro. Vinte e três. Ela continuava pensando neles como garotos, mas não eram mais garotos.

O dr. Graham levaria as velhas roupas do filho, calças cáqui gastas e uma de suas camisas sociais manchadas de tinta com buracos nos cotovelos. *Aqui*, diria o fardo de roupas, *isto é quem você era e voltará a ser*. Grace imaginou Riley voltando para casa no banco do carona da antiga perua Mercedes azul dos Graham, o motor a diesel alto o bastante para levar os vizinhos às janelas. Todos saberiam que aquele era o dia. A sra. Graham teria feito churrasco, provavelmente paleta de porco. E os irmãos de Riley estariam lá. Grace não sabia se os três ainda moravam em Garland, mas provavelmente sim. Os Graham pertenciam a Garland tanto quanto Garland pertencia a eles. Imaginava Riley pedindo licença do almoço e entrando para se sentar em sua cama no velho quarto, que seria novamente seu quarto, pelo menos por um tempo. Ficou imaginando se subiria até o quarto que a sra. Graham montara no sótão para quando Grace passava a noite lá.

Aonde Alls iria no dia seguinte? Seu pai ainda morava em Garland? Ele não teria uma festa de boas-vindas. Imaginava Alls e o pai passando pelo Burger King a caminho de casa, a não ser que ele fosse para casa com Riley. Antes ele teria feito, mas isso não significava nada. A linha entre antes e depois não podia ser mais clara.

Quando as pessoas leram sobre o assalto à Wynne House em uma notinha em um jornal nacional, uma bobagem de cidade pequena descoberta por acaso, provavelmente riram ou balançaram

as cabeças. *Ouçam esta*, milhões de pessoas teriam dito à mesa do café. Mas aqueles garotos idiotas eram os de Grace. Ela costumava achar que conhecia Riley tão bem que poderia tirar a pele dele, vestir sobre a dela e ninguém veria a diferença.

Eles na verdade tinham ido para a prisão por causa dela. Grace ansiava para contar a alguém o que tinha feito. Ela nunca tivera amigos, apenas Riley, e depois Hanna. Ela só podia ter um amigo por vez. Mais do que isso tornaria difícil rastrear como a conheceram, o que ela dissera, quais peças encaixavam onde.

Grace não estava em Garland no dia do assalto à Wynne. Já estava em Praga, em um programa de verão de estudos no exterior. Riley pagara o curso e a passagem; Grace não tinha dinheiro para esse tipo de coisa.

Ela lera sobre o roubo na internet na noite em que acontecera, na página do *Albemarle Record*: um jovem branco entrara na casa principal da Josephus Wynne Historic Estate em Garland, Tennessee, na terça, 2 de junho, entre oito e dez de manhã, e trancara a guila em um quarto do segundo andar. O zelador fora encontrado inconsciente no saguão; estava no Albemarle Hospital, em estado crítico.

Ela não tivera notícias de Riley desde o dia anterior, mas sabia que ele tinha levado a cabo. Quatro dias depois, ele, Alls e Greg foram presos no Tennessee. Greg primeiro, sozinho na cabana dos pais em Norris Lake. Horas depois, Alls e Riley, na casa alugada dos garotos na Orange Street, onde Grace também morava antes de ir para Praga no final de maio. Ela tinha certeza de que Greg os entregara.

Recebera apenas um telefonema da polícia depois da prisão. A responsável pela recepção mandara o filho, um garoto de olhar apático de uns onze anos, bater na porta do alojamento de Grace. Ela o seguira para o andar de baixo, o coração batendo com tanta força que o peito apertava.

O detetive americano perguntou se sabia por que estava ligando.

Ela disse que sim. Ele pediu que contasse. Ela contou que o namorado havia sido acusado de assaltar a Wynne House.

— Quer dizer seu marido — ele corrigiu.

— Sim. — Ela e Riley nunca haviam contado a ninguém que tinham se casado.

Ele perguntou quando falara com Riley pela última vez.

— Há alguns dias. Cinco dias. Ele me mandou um e-mail, muito normal, sem nada estranho. Disse que ia para a casa do amigo, em Norris Lake. Ele não podia ter roubado a Wynne House.

— Como descobriu sobre o roubo?

— Li no jornal. Pela internet.

— Está lendo o jornal local enquanto está em Praga?

— Saudades de casa.

— Não conversou mesmo com seu marido depois de saber do roubo?

Não conversara. Disse ao detetive que sabia que ele não mandaria um e-mail enquanto estivesse no lago. Sempre começavam a beber antes de soltar o barco e só paravam na hora de voltar para casa. A própria Grace acabara de fazer uma viagem a Kutná Hora, à igreja subterrânea de ossos, onde as ossadas de cinquenta mil pessoas haviam sido usadas por um monge quase cego para fazer altares e candelabros. Os ossos pertenciam a vítimas da Peste Negra e das Guerras Hussitas. Algum idiota ter roubado a prataria antiga de Josephus Wynne não parecia muito importante, disse ao detetive.

Ela se calou — demais.

Ele fez mais meia dúzia de perguntas, mas não foram difíceis. Grace disse que ele tinha cometido um equívoco, que Riley não poderia ter feito aquilo. Ele tinha uma vida muito boa, falou. Eram felizes. Ele não precisava de dinheiro. Os pais o ajudavam. Além disso, acrescentou, *eu* teria sabido. Ele não teria conseguido esconder algo assim de mim. Ele me conta tudo. Tudo.

Talvez o detetive fosse um homem cuja esposa acreditava que ele contava tudo.

O que o detetive não contou a Grace, o que ela descobriu dias depois no noticiário, era que Riley, Alls e Greg já tinham confessado. O detetive estava cumprindo sua lista de deveres. Não precisava de nada dela.

Foi assim que ela imaginou o roubo: Riley colocando uma nota suada de cinco dólares na caixa de doações, sorrindo para a pequena velha guia de plantão e a seguindo pelos cômodos do térreo enquanto ela recitava notas de pé de página sobre a história do Tennessee. Riley tinha percorrido a casa meia dúzia de vezes ao longo dos anos; todos tinham. A Wynne House era o passeio escolar mais próximo e mais barato. Mas em uma terça-feira de verão, o lugar estava morto.

Ele deixara de ouvir a voz da guia claramente, como se estivesse debaixo d'água. Ele a seguiu para o andar de cima. As pernas dela, nonagenárias, azuis e cheias de veias em suas meias esbranquiçadas, tremiam menos do que as dele. No alto da escada ela se virou e moveu a boca, olhou para ele, em expectativa. Uma pergunta? Ela lhe fizera uma pergunta.

— Sim — ele respondeu. — Sim, senhora.

Esperava que fosse a resposta certa.

Ele a seguiu de aposento em aposento, balançando a cabeça afirmativamente e rabiscando coisas no caderno. Diante da porta do pequeno escritório sem janelas, ele enrolou o caderno e o enfiou com a caneta no bolso da frente da calça folgada. Ela abriu a porta para fora, e ele a seguiu para dentro. Apontou com um dedo trêmulo para a pequena gravura acima do toucador.

— Pode me dizer quem é o artista que fez isso?

— Aquela? Não lembro. Deixe-me olhar melhor.

Ela avançou e olhou com atenção para a assinatura, que ele já sabia ser indecifrável. Prendeu a respiração e tentou recuar silenciosamente para fora do aposento. A beirada do tapete prendeu seu pé e ele tropeçou.

Ela se virou.

— Está bem, rapaz?

Ele soltou o pé e foi até a porta, batendo-a atrás de si. Apanhou a cadeira com encosto de ripas que ficava junto à porta e prendeu a barra de cima sob a maçaneta. Respirou.

Com ela seguramente trancada, ele podia ouvir a voz vazando sob a porta. Não gritando. Perguntando. Estava perguntando novamente, alguma coisa; ele não sabia o que era — apenas a sensação da fraca voz feminina vindo de longe, como um gato doméstico preso em um porão.

Desceu e abriu a porta principal. Alls e Greg entraram em silêncio com sacolas de compras de nylon emboladas e três pares de luvas. Eles se espalharam pelos aposentos, enchendo as sacolas com pequenos bordados, velhos relógios de mesa, uma faca de caça de cabo de prata. Tinham uma relação de tesouros cuidadosamente preparada: nada grande ou desajeitado, nada único. Não esperavam que a porta da frente se abrisse. Um homem que nunca tinham visto antes entrou com um saco de lixo para esvaziar a pequena cesta junto à porta. Era o zelador, e sempre ia às segundas, nunca às terças. Mas lá estava, olhando para eles.

O zelador, que tinha mais de setenta anos, caiu no chão.

Os garotos agarraram as sacolas que tinham enchido e fugiram.

Como o zelador estava demorando demais para voltar ao trailer que servia de escritório da Wynne House, onde deveria deixar as chaves, a administradora que trabalhava lá saiu para procurá-lo. Encontrou-o caído no saguão, e em seguida ouviu os gritos agudos da guia, ainda trancada no escritório sem janelas do segundo andar.

Depois o promotor disse que os garotos tinham pretendido vender os bens em Nova York, mas não haviam sequer deixado o estado. Desde seu alojamento de concreto em Praga, Grace vira as manchetes mudando: SEM SUSPEITOS NO ROUBO DA WAYNE; TESTEMUNHA TEVE DERRAME NO LOCAL; ESTADO DO ZELADOR AINDA É CRÍTICO. Havia um retrato falado feito pela

guia míope, mas Grace ficou feliz de ver que o desenho não parecia nada com Riley. Na verdade, poderia ser qualquer um.

Grace sabia que Riley se preocuparia com o zelador. Podia imaginá-lo andando de um lado para o outro, levando o punho à boca. A possibilidade de o homem morrer teria arrancado Riley de sua fantasia: o glamour ousado de um roubo de antiguidades em uma cidade pequena por uma gangue de garotos selvagens, uma brincadeira intrincada. Mas tinham quase matado um velho de susto. Se ele sobrevivesse, certamente poderia identificá-lo. Mas se morresse, seria homicídio culposo? Poderiam até chamar de assassinato? Grace imaginou os pensamentos de Riley girando como se fossem os seus próprios.

Ela estava certa de se preocupar. Quando a polícia considerou suspeito Gregory Kimbrough, vinte, de Garland, os pais de Greg disseram que era impossível, ele estava havia vários dias na cabana da família em Norris Lake. Havia um telefone ligado à rede na propriedade Wynne na hora, a polícia lhes disse, e é seu.

Grace não sabia sequer que podiam fazer isso.

Ele provavelmente estivera conferindo resultados esportivos ou algo assim.

A polícia também colocou sob custódia os Kimbrough, já que tecnicamente o telefone era deles, e foi até a cabana com os pais de Greg no banco de trás. O sr. Kimbrough era advogado criminalista. Greg não teria oportunidade de dizer nada sem a presença de um advogado. Por insistência dos pais, Greg rolou como um cãozinho. Alls e Riley foram presos horas depois.

Grace acompanhou o caso pelo visor nublado do *Albemarle Record* e as enlouquecedoras reportagens elípticas de seu correspondente. Cy Helmers estivera três anos à frente dos garotos na escola e quatro à frente dela. Fora para o Garland College e se tornara o foga do jornal na cidade ao se formar. Ele cobriu o roubo à Wynne como se estivesse acima de fofocas, como se não suportasse fazer que seus antigos colegas de escola parecessem piores do já pareciam.

A administradora tcheca mandou o filho chamar Grace mais duas vezes. Nenhum outro estudante tinha recebido um telefonema, e Grace se sentia exposta e chamando a atenção enquanto tinha essas conversas, apesar do fato de que a mulher não falava inglês. Havia uma janela plástica sobre o balcão, através da qual estudantes que passavam pelo saguão podiam vê-la. Grace olhava para a parede.

O segundo telefonema foi da mãe de Grace, cuja própria voz pareceu empalidecer quando Grace disse que não, não voltaria a tempo da sentença; não, não sabia quando voltaria. Sua mãe, cujas paixões maternais raramente ou nunca foram dirigidas a Grace, então implorou: como podia abandonar Riley daquele jeito?

— Abandoná-lo? — retrucou Grace, incrédula. — A pessoa com quem eu construí minha vida, a última década e todo o meu futuro, a única pessoa que posso chamar de minha — disse, sarcástica — acabou de cometer uma sequência de crimes com seus amigos idiotas. E você acha que eu deveria ir para casa dar *apoio* a ele?

Ela tremia quando terminou. A mãe teve pouco a dizer depois disso.

O terceiro e último telefonema foi do pai de Riley.

Os garotos haviam sido colocados sob a custódia da família para aguardar a sentença. Era noite em Praga, manhã no Tennessee, e o dr. Graham telefonava de seu escritório na faculdade.

— Acho que entendo por que você não quer voltar por causa disto — falou.

Grace não tinha nada a dizer. Não lhe ocorrera que ele ligaria.

— Não consigo acreditar que isso está acontecendo — falou. Uma verdade.

— Nós também. E ele. Ele pode estar tendo a maior dificuldade de acreditar.

— Acho que ele não sabia o que estava fazendo — ela disse. — Não podia saber. As pessoas cometem erros sem perceber; uma decisão ruim pode arrastar você. E os três juntos. Você sabe.

— Deveríamos tê-lo controlado mais — disse o dr. Graham em voz baixa. — Acho que você parecia mantê-lo na linha — falou e depois riu, um pouco seco. — Grace, você sabe que a amamos como nossa filha.

Eles tinham dito isso por anos: não *como uma* filha, mas *como nossa* filha, e Grace crescera sob essas palavras e o poder que tinham de fazer dela uma deles. Mas era o dr. Graham ligando, não a sra. Graham, e telefonava do escritório, não de casa.

Grace se lembrou de fazer tiro ao alvo com os Graham quando tinha quinze anos, a primeira vez. Ela se saíra bem, tão bem quanto Riley e os irmãos, e o dr. Graham rira de surpresa e prazer. “Maldição, filho”, dissera a Riley. “Você nunca fará melhor.”

— Se você souber de algo que possa ajudá-lo, qualquer coisa... — disse ele.

— Lamento que estejam passando por isso — Grace disse.

Grace não telefonou. Ela não escreveu. Pouco antes de eles irem para Lacombe, ela recebeu uma única carta de Garland.

Querida Grace,

Amor,  
Riley

Ela nunca soube se deveria ler aquilo como uma denúncia do seu silêncio ou como uma promessa dele.

O que ele devia pensar dela, o que a família devia pensar dela — o que deviam dizer. Odiava pensar nisso. Ela se preocupava menos com o que Alls pensava dela. Ele soubera muito antes de Riley como Grace realmente podia ser má.

Grace sabia que um condenado em condicional tinha um agente de condicional e um de controles. Eles não sabiam onde ela estava; não tinham como. Ela *sabia* essas coisas, mas, naquela noite, enquanto se virava sob os lençóis, o cérebro as recusava. Tomou um comprimido para dormir às duas horas, mas não cedeu. O cérebro noturno conhecia todos os truques.

O que ela achava, que Riley iria assassiná-la? Que a estava rastreando para poder jogar soda cáustica no seu rosto? Hanna lhe contara aquela história, de Nova York, meio século antes. Um homem, Burt Pugach, contratara assassinos de aluguel para jogar soda cáustica no rosto de Linda Riss, sua namorada, após ela ter dito que não o veria mais. Ele dissera: “Se eu não puder tê-la, ninguém mais a terá, e quando acabar com você, ninguém mais irá querê-la.” Passou quatorze anos na prisão, e escreveu a ela milhares de cartas. Ele a cegara de um olho. Quando foi libertado da prisão, ela o desposou.

Era o final feliz o que mais perturbava Grace.

*Amanhã eles estarão soltos*, o cérebro noturno a provocava. Tomou outro comprimido às quatro e suplicou por derrota. Apagou às seis e não ouviu o despertador.

Quando Grace foi trabalhar na manhã seguinte, Jacqueline estava ao telefone no escritório, arrancando cutículas e soprando fumaça pelo canto da boca, a porta escancarada. Amaury já estava curvado em seu canto escuro, murmurando para o relógio de bolso sob a luminária amarela. Sua mesa era o mais distante possível das janelas altas do escritório do porão e da pouca luz solar que vinha da rua estreita. Pelo que Grace sabia, ele levava a vida no subterrâneo: naquele porão, no metrô e em seu apartamento de